



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Presidência

Magnífico Reitor da Universidade da Madeira,

Senhor Comandante Operacional e da Zona Militar da Madeira,

**Senhor Coordenador da Universidade da Madeira e do Centro de
Investigação em Estudos Regionais e Locais,**

Senhor Diretor Coordenador do Estado-Maior do Exército,

**Senhor Vereador, em representação do Senhor Presidente da Câmara
Municipal do Funchal,**

**Senhor Cónego, em representação de Sua Excelência Reverendíssima O
Bispo do Funchal,**

Senhor Comandante da Zona Marítima da Madeira,

**Senhor 2º Comandante do Regimento de Guarnição nº 3, em representação
do Senhor Comandante do Regimento de Guarnição n.º 3**

Senhor Presidente do Conselho Geral da Universidade da Madeira

Senhora Presidente do Conselho de Cultura da Universidade da Madeira

Minhas Senhoras e meus Senhores

Começo por agradecer o convite que me foi dirigido para estar presente neste II Colóquio Internacional Insula sobre o tema “A Grande Guerra e os Espaços Insulares”.

A Madeira, muito distante do epicentro dessa tragédia, acabou por ser palco de atos de guerra para os quais não estava, devidamente preparada.



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Presidência

Mas se a Madeira não foi ao encontro da 1ª Grande Guerra, nem por isso a 1ª Grande Guerra deixou de vir ter com ela, colocando-a no radar da marinha alemã por alegadamente servir de base naval à marinha de guerra do Reino Unido.

É certo que o registo histórico dos acontecimentos de então deixa apenas breves notas da descrição dos ataques que terão causados vítimas mortais.

O simples facto de um submarino alemão ter entrado na baía do Funchal sem ser detetado, lançado o ataque com êxito sobre quatro embarcações aliadas fundeadas, e sair tranquilamente das nossas águas, revela que o País não tinha condições para manter a segurança da nossa Ilha dado os escassos meios de vigilância marítima que lhe estavam afetos.

Além do mais, a capacidade de resposta da artilharia terrestre, nomeadamente pelo reduzido alcance do equipamento de fogo, acentuava a vulnerabilidade da sua defesa.

Assinalamos no dia de amanhã o bombardeamento do Funchal pelo submarino alemão U-38, comandado por Max Valentiner, a que haveria de seguir-se um outro a 16 de dezembro que não causou estragos nos navios ancorados mas lançou o pânico na população.

No primeiro bombardeamento, foram afundados três navios das forças aliadas e uma barçaça de transporte de carvão, tendo morrido vários homens e muitos outros feridos.

O submarino alemão bombardeou o Funchal, com especial incidência nas duas baterias da costa – a do parque da Quinta Vigia e do Forte de São Tiago, a Estação do Cabo Submarino e os geradores de eletricidade.

Um combate desigual dado o alcance do poder de fogo do submarino alemão ser largamente superior ao das artilharias do Funchal.

Um ano mais tarde, um outro submarino alemão voltava a bombardear o Centro de Comunicações do Cabo Submarino na Calçada de Santa Clara, mas acertou na Igreja de Santa Clara.

Na declaração de guerra do Estado Alemão a Portugal, pode ver-se que, entre outros motivos, os alemães invocaram que o Estado Português tinha consentido



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Presidência

que os britânicos usassem a Madeira como base naval, o que violaria o dever de neutralidade que Portugal dizia então assumir.

Não sendo esta a única nem a mais importante razão para a entrada do País na guerra, o que é facto é que os alemães sentiram-se ameaçados com a possibilidade da armada inglesa ter aqui, na Madeira, uma base naval, o que lhe permitiria um maior controle sobre o Atlântico médio.

A 1ª Grande Guerra acentua, deste modo, a importância da Madeira não só como entreposto de rotas comerciais mas também do ponto de vista geoestratégico no Atlântico, papel que ainda hoje tem e é reconhecido quer pelo Estado Português quer pela União Europeia.

Na época, na Madeira pontificavam duas comunidades que disputavam entre si a hegemonia comercial: a britânica e a alemã.

O facto do governo português ter adjudicado aos britânicos a instalação da rede de cabos submarinos, com um importante nó de comunicações no Funchal, constituiu uma ameaça reforçada às forças alemãs para a sua expansão no Atlântico, já que o mesmo sucedera mais a Norte com os Açores.

Os alemães deram grande importância ao domínio do Atlântico e, em particular, à Madeira pela sua proximidade a África e aos Açores por estarem mais próximos dos Estados Unidos.

A importância geoestratégica destas ilhas pode ser sublinhada pelo facto de, dos três ataques alemães a Portugal, dois deles terem sido dirigidos contra as duas regiões autónomas portuguesas.

A Madeira viu agravarem-se as condições de vida dos seus habitantes, já que a produção de víveres à escala regional não era suficiente para a alimentação da população.

A insegurança do tráfego marítimo condicionou a importação de bens e a exportação dos produtos tradicionais agravando a mobilidade dos seus cidadãos e, severamente, as condições de vida da população madeirense.

Houve racionamento, fome e revolta social; protesto de trabalhadores e de comerciantes, greve e encerramento de estabelecimentos comerciais.



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Presidência

Quando a guerra terminou, a comunidade britânica na região tinha-se imposto definitivamente face à alemã.

As dificuldades da guerra, ao acentuarem a vulnerabilidade e o agravamento das condições de vida dos madeirenses, conduziram a uma situação de contestação ao poder central.

O aumento da carga fiscal sobre o vinho, a falta de solução para a cana sacarina, para a manutenção das levadas e a criação de sobretaxa de 5% sobre todos os direitos de exportação para o financiamento do Porto de Leixões foram detonadores de um movimento autonomista contra o poder central de Lisboa.

As ilhas, ao longo da história, foram sempre reconhecidamente importantes no confronto económico e militar entre as nações.

O valor estratégico das ilhas atlânticas da Madeira e dos Açores é um capital extraordinário para o Estado Português.

Se é certo que atualmente já não há bases militares nas Lajes e no Porto Santo, a questão do alargamento da plataforma continental portuguesa, que dá direitos de soberania e não de mera jurisdição, tornou mais visível a importância de ilhas como as Selvagens, em plataforma africana, e do Corvo, em plataforma americana.

Pequenas na dimensão terrestre, enormes no mar que as rodeia.

São as ilhas que, garantindo a Portugal uma grande plataforma continental, acrescentam valor ao País.

O direito do Mar veio dar às ilhas atlânticas um valor estratégico mais relevante na fiscalização e exploração das riquezas oceânicas.

As nossas ilhas contribuem também para o controlo de uma enorme área aeronaval e para a manutenção do sistema de comunicações entre a Europa e a América.

A defesa do Atlântico Sul também passa por aqui.

Politicamente, as ilhas portuguesas afirmaram-se, definitivamente, como europeias e atlânticas.



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Presidência

Este posicionamento confere-lhes uma importância acrescida para os dois lados do Atlântico.

Sabemos da relevância do nosso papel e do grande potencial de desenvolvimento desta área do Atlântico.

Que o Estado Português e a União Europeia estejam à altura das exigências deste reconhecimento.

Ao fim e ao cabo tornamos Portugal e a União Europeia maiores e isso tem de ser devidamente reconhecido e apoiado.

Funchal, 2 de dezembro de 2016

**O Presidente da Assembleia Legislativa da
Região Autónoma da Madeira
Jose Lino Tranquada Gomes**